

Por uma geometria do ser

João Cardoso de Castro¹⁷
Dr. Murilo Cardoso de Castro¹⁸

Resumo

Através de uma visão do ser baseada em uma figura geométrica, este ensaio discute o abandono do ser que criou um vazio a ser preenchido. A “geometria do ser” proposta oferece a possibilidade de uma visão do *ser-aí* e do *ser-em-o-mundo* juntamente com alguns existenciais importantes para um novo olhar que permita um afastamento da “pobreza de mundo” tão característica das aproximações baseadas no paradigma sujeito-objeto. Ao reduzir dois entes intramundanos, na esfera ser-em-o-mundo, a uma única relação, dentre a totalidade de relações, algo está sendo esquecido e abandonado. Privilegia-se o que importa a um mim-mesmo e no seio deste privilégio reside uma escolha, e no mais das vezes um esquecimento do ser.

Palavras-chave: ontologia, Heidegger, geometria, esquecimento do ser

Abstract

Through a vision of being based on a geometrical figure, this essay discusses the abandonment of the being that created an emptiness to be filled. The proposed “geometry of being” offers the possibility of a vision of being-there and being-in-the-world together with some important existentials for a new perspective that enables a distancing from the “poverty of world” so characteristic of the approaches based on the subject-object paradigm. By reducing two intramundane entities, in the sphere of being-in-the-world, to a single relation, out of the totality of relations, something is being forgotten and abandoned. What is important to a self is privileged, and within this privilege lies a choice, and more often than not a forgetfulness of being.

Keywords: ontology, Heidegger, geometry, forgetfulness of being

¹⁷ Professor de Filosofia do UNIFESO. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva (UFRJ) - Doutorado Sanduíche na DePaul University - EUA. Email: joacardosodecastro@gmail.com

¹⁸ Doutorado em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1999), doutorado Sanduíche pela Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3 (1999) e doutorado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2005). Email. murilocdecastro@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem uma pretensão grandiosa, talvez até exagerada. Nossa empreitada consiste em refletir sobre o que, na esteira do pensamento de Heidegger, ficou conhecido como o "esquecimento do ser". O "exagero" mencionado não está, no entanto, na questão que nos impulsiona, propriamente dita, mas na forma como pretendemos empreendê-la, a saber: por meio de uma geometria. Convém esclarecer, desde já, que não esgotaremos, de maneira alguma, a amplitude de sentidos de nossa questão, nem das reflexões sobre a articulação de seus conceitos mais fundamentais, mas esperamos dar uma aquiescência clara a alguns significados e conexões que devem compor as constelações que nos guiarão ao longo do ensaio.

Assim, seguiremos nosso esclarecimento de “*ser*” recorrendo a uma possível “geometria do ser”, continuando com uma reflexão sobre um ato capital que acusamos historicamente em curso, nos termos de Heidegger (2011), de “história do ser”, e que pode ser denominado “abandono ou esquecimento” do *ser*. Nossa tese aqui é "apenas" aproximar o leitor sobre o "abandono" supracitado, mas também apontar alguns dos desdobramentos e implicações que se dão na verbalização implícita de um “abandonar ou esquecer” o *ser*, como por exemplo, a "pobreza de mundo" da relação sujeito-objeto, que acaba por preencher o espaço aberto pelo "esquecimento". Percebemos, com Heidegger, a possibilidade de um “novo início”. Um projeto ambicioso, pretensioso, poderia se dizer, mas honesto e sério diante da gravidade da questão em nossos dias.

VISÃO DO SER

Platão, ao afirmar no portal de sua Academia, *ageometretos medeis eisito* - “que aqui não entre ninguém que não seja geômetra” (HEIDEGGER, 1992, p. 82) - não reduz o acesso ao seu ensinamento apenas àqueles que detinham algum saber sobre a geometria que hoje em dia conhecemos. Todavia, qualquer que fosse essa geometria, como toda geometria ela requer um poder de visão além do poder sensual do olhar. A geometria grega, como é possível constatar nos *Elementos* de Euclides, é muito mais do que uma apresentação de proposições e de formas geométricas, é uma “visão” que é invocada e progressivamente constituída e constitutiva de elementos e traçados geométricos, a começar por um conjunto de axiomas. Visão (*theoria*), lógica (*logistike*) e pensar (*noein*) combinam-se e articulam-se na constituição de figuras (*eikon*) que por

este processo constitutivo “dão-se”, “são”; oferecem-se como similitudes abertas ao conhecimento de outras similitudes.

Heidegger (2007, p. 168) considera que a interpretação do ser enquanto *idea* impõe de pronto a comparação da percepção do ente com a visão. Para ele, os gregos também, especialmente à época de Platão, conceberam o conhecer enquanto uma espécie de visão e de contemplação, isto que ainda se traduz hoje em dia pela expressão usual do “teórico”, do verbo *theorein*, no qual se pronunciam *thea*, que “diz a fisionomia, o perfil em que alguma coisa é e se mostra, a visão que é e oferece” e *horao*, “ver alguma coisa, tomá-la sob os olhos, percebê-la com a vista” (HEIDEGGER, 2002a, p. 45). Assim *theorein* é “visualizar a fisionomia em que aparece o vigente, vê-lo e por esta visão ficar sendo com ele” (*ibid.*)

McNeill (1999, p. 1), em seu estudo sobre os fins da teoria e o sentido da visão, nos informa que a *Metafísica* de Aristóteles (1994), em seu primeiro livro, começa por afirmar, “todos os seres humanos por natureza desejam conhecer” (*ibid.*, 980a), na tradução não ortodoxa de Heidegger em *Ser e Tempo* (2006, p. 235): “a cura [*Sorge*] pelo ver é essencial para o ser do homem”¹⁹. Ainda segundo McNeill (1999, p. 1), Aristóteles prossegue na *Metafísica* em identificar nossa tendência a preferir a visão (*horao*) sobre todos os outros sentidos, seja a respeito do agir (*prattein*) ou mesmo quando nenhuma ação é antecipada: nas palavras de Aristóteles, “de todos os sentidos, a vista traz (*poiei*; de *poiein* = fazer) melhor conhecimento das coisas e revela muitas distinções” (980a 24).

A valorização da “visão” entre os gregos talvez explique o desenvolvimento da geometria e até mesmo a síntese de Euclides, além dos teoremas e aplicações diversas desde os pré-socráticos. Robert Lawlor (1982, p. 6) esclarece que a geometria, ao mesmo tempo que literalmente se traduz por “medida da terra”, se oferece como um estudo da ordem espacial através da medida e dos relacionamentos de formas. “A meta implícita desta educação era capacitar a mente a se tornar um canal através do qual a ‘terra’ (o nível da forma manifestada) poderia receber a vida cósmica abstrata dos céus”. E, o que mais nos interessa aqui, os diagramas geométricos, estes “podem ser contemplados como instantâneos revelando uma ação universal, intemporal, contínua geralmente oculta de nossa percepção sensorial”.

¹⁹ Macquarrie & Robinson (1987, p. 215), em nota da edição inglesa de *Ser e Tempo*, indicam que nesta frase Heidegger entende *eidenai* (conhecimento) – conectado com *eidos*, o aspecto visível de algo – em termos de sua raiz significando “ver”.

Segundo Catherine Joubaud (1991, p. 19-20), o *Timeu* é um diálogo platônico que recorre muito ao uso de figuras geométricas para descrever a produção (*poiesis*), o *fazimento*, do demiurgo (*demiourgos* = artesão) que resultou no mundo ordenado (*kosmos* = ordem), incluindo o humano em sua condição corporal, e tudo mais nesta grandiosa composição. Figuras geométricas simples e complexas, como triângulos e poliedros, fazem parte destas descrições que pretendem oferecer uma contemplação, uma visão sobre o divino, o ser humano e o mundo, segundo uma grande arquitetônica geométrica.

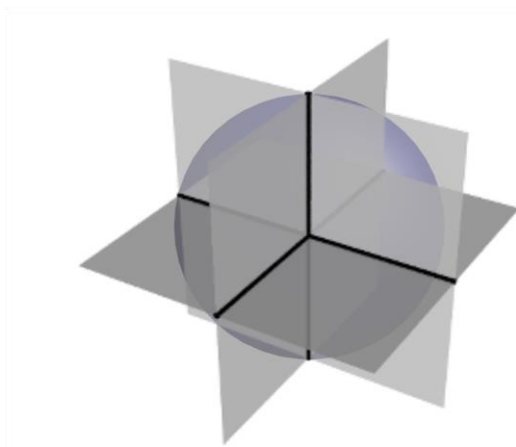
Esta visão também se fundamenta na aquiescência do significado de “símbolo”, na esteira do que Jean Borella explora em seu livro *Le Mystère du signe* (1989). O aparelho simbólico, que eventualmente estará emergindo das similitudes aqui tratadas, é constituído pela relação viva que une o significante, o sentido e o referente particular – é o que se chama o “triângulo semântico” – sob a jurisdição de um quarto elemento que Borella (*ibid.*, p. 173) denomina referente metafísico (ou transcendente), no qual os três primeiros encontram seu princípio de unidade. Assim temos: o **significante** (ou “simbolizante”) que é geralmente de natureza sensível, e em nosso caso será a figura geométrica proposta para visão do *ser*; o **sentido**, de natureza mental, se identifica à ideia que o significante evoca a nossa mente, natural ou culturalmente, em nosso caso, a *existência* (desnecessário dizer humana, segundo Heidegger); o **referente particular**, é o objeto não visível (acidental ou essencialmente) que o símbolo, em função de seu sentido, pode designar (a designação do referente, ou realização do sentido, é a tarefa própria da hermenêutica, ou ciência da interpretação), o *ser-aí*, segundo Heidegger; quanto ao **referente metafísico**, sempre esquecido e no entanto fundamental, posto que é ele que faz do signo um verdadeiro símbolo, este é o princípio (*arche*), cujo significante, o sentido e o referente particular, não são senão manifestações distintas, em nosso caso, o *ser*. Não esqueçamos, complementa Borella (*ibid.*, p. 78), que o símbolo simboliza por presentificação e não por representação.

Deve-se preservar com tranquilidade a impressão de que as discussões sobre ente e ser consistem numa bruxaria vazia, com meras palavras. Também não faz mal nenhum se, para os que não pensam, o pensamento sempre dá e sempre deve dar a “impressão” de ser intencionalmente diabólico, de trabalhar para tornar ainda mais difícil para os contemporâneos o pensamento, isso que já é suficientemente difícil mesmo sem esse trabalho. No entanto, é possível que algum dia aqueles que possuem suficiente abertura no coração possam compreender que a impressão de estranheza provocada pelo

pensamento não advém de nenhuma elucubração helicoidal de pensadores. Trata-se de compreender que a razão da estranheza deve ser buscada, ao contrário, dentro de nós mesmos, a saber, no acontecimento tão simples, e, por isso, também tão assustador, de que todos nós, de que o homem histórico não pensa mais o ser, correndo apenas atrás dos entes. A nuvem do esquecimento do ser que paira sobre todo desempenho do homem histórico é consequência desse esquecimento que nos faz parecerem tão vazias e estranhas as discussões sobre o significado "substantivo" e "verbal" da palavra *on*. (HEIDEGGER, 1998, p. 76)

GEOMETRIA DO SER

Imaginemos, como na figura abaixo, dois planos verticais, ortogonais entre si, atravessando um plano horizontal, também ortogonalmente. Os três eixos decorrentes da intersecção entre estes três planos formam uma cruz de três dimensões, ou de seis braços partindo de um centro, um ponto no encontro único dos três eixos. Imaginemos que se possa traçar esferas de diferentes dimensões a partir deste ponto central, de modo que todas as esferas sejam concêntricas, ou seja tenham o mesmo centro. O plano horizontal cortaria então as esferas equatorialmente, em meias-esferas superior e inferior. Do mesmo modo, os planos verticais dividiriam as esferas, em partes iguais, semi-esferas laterais, ou semi-esferas dianteira e traseira. Alcançamos o traçado de uma figura geométrica que pretendemos que nos sirva como similitude do *ser*.



Os dois planos verticais poderiam ser interpretados da seguinte forma: um como “plano-do-sendo”, outro como “plano-do-estando”. Valemo-nos de um dom da língua portuguesa que permite falar de “ser” segundo dois modos, “ser propriamente” e “estar”. Utilizamos também a dinâmica da conjugação verbal, para usar “ser” e “estar” no gerúndio, configurando um “plano do ser-sendo”, um plano da “permanência”, posto que “ser” guarda indício de “permanência”; e um “plano do ser-estando”, um plano de

transitoriedade, posto que “estar” guarda indício de transitoriedade (PAVÃO & VIEIRA, 2013).

Os dois planos verticais em interseção ortogonal entre si formam um eixo vertical, onde se concilia tanto o *permanente* quanto o *transitório* (o *ser-sendo* e o *ser-estando*), em suas formas verbais respectivas *to einai* e *to on* (HEIDEGGER, 2007, p. 26). Chama nossa atenção que no questionamento grego, “o que é o ente enquanto ente?” (*ti to on he on?*), só se faça referência a *to on*, que guarda o sentido do gerúndio do verbo ser, *sendo* (em alemão *Seiende* = *ente*) e, ao mesmo tempo, de *ser* (“*essseralidade*” de *esse*). É com estas considerações em mente que nosso “sendo” e “estando” correspondem a cada plano vertical, às faces *permanente* e *transitória* do *ser*, que se conciliam em um eixo vertical que atravessa o plano horizontal: a *physis*.

Esta palavra *physis* requer ser ouvida em grego antigo, “nos traduzindo” ao pensar grego do *ser*, para em seguida, determiná-la melhor à luz dos fragmentos de Heráclito (ZARADER, 1990, p. 35). *Physei* quer dizer crescer ou fazer crescer (*wachsen, wachsen machen*) e *physis* significa o crescimento (*das Wachstum*), que os gregos escutavam como avaar (*Hervorgehen*), desabrochar (*Aufgehen*) e abrir (*Sichöffnen*). Estas acepções apontam para um “vir a aparecer e se manter no aberto”, um se manifestar desdobrando-se e oferecendo-se ao olhar. Nesta escuta ao sentido de *physis* reconhecemos o plano horizontal como este plano de surgimento, de revelação de sendo-estando de entes. Este sentido original será deveras prejudicado na latinização da palavra *physis*, traduzida pelos romanos como *natura*²⁰.

A essência deste plano horizontal, em nossa geometria do *ser*, é dada por dois fragmentos (16 e 123) de Heráclito. O início do fragmento 16, a parte que nos interessa, diz na tradução de Heidegger (1998, p. 61): “Como alguém poderia manter-se encoberto face ao que a cada vez já não declina?” Os termos gregos chaves são *physis* (não mencionado no fragmento), *dynon* e *lethe* (*Aufgehen, Untergehen, Verbergung*), que poderiam ser traduzidos por “eclosão”, “declínio”, “ocultação”. A análise heideggeriana se serve da palavra *dynon* para mostrar a relação existente entre *physis* e *lethe*, que permite determinar em toda sua amplitude a essência da *physis*.

²⁰ Segundo Heidegger (1999, p.43-44): “No tempo do primeiro e decisivo desabrochar da filosofia ocidental entre os gregos, por quem a investigação do ente como tal na totalidade teve seu verdadeiro Princípio, chamava-se o ente de *physis*. Essa palavra fundamental, com que os gregos designavam o ente, costuma-se traduzir com “natureza”. Usa-se a tradução latina, “*natura*”, que propriamente significa “nascer”, “nascimento”. Todavia já com essa simples tradução latina se distorceu o conteúdo originário da palavra grega, *physis*; destruiu-se a força evocativa, propriamente, filosófica da palavra grega.”

Tomando *dynon* e “traduzindo o grego em grego”, Heidegger (*ibid.*, p. 66) encontra não apenas declínio, enquanto disparição ou supressão, mas como entrada na *lethe*, no esquecimento, na ocultação. Sua negação no fragmento portanto denota uma saída fora da ocultação, quer dizer uma emergência ou vinda ao aparecer, onde o que jamais submerge é assemelhável ao que sem cessar surge e desabrocha, a *physis*. Ou seja, sobre o plano horizontal “des-vela-se” o tanto o sendo quanto o estando, ao tempo que, nesta mesma manifestação, o *ser* se retrai, “re-vela-se” (volta a velar-se). Os planos verticais de “sendo” e “estando”, no encontro ortogonal com o plano horizontal, acusam um sendo-estando, entrando em presença (*Anwesenung*, em correspondência com *Aufgehung*), um *modo de ser*. “Heráclito pensa, bem mais, pura e simplesmente o surgir [*physis*]” (HEIDEGGER, 2002a, p. 238).

O fragmento 123, Heráclito afirma (HEIDEGGER, 1998, p. 122): “Surgimento favorece o encobrimento” (*physis kryptesthai philei*). O entendimento comum é de que a natureza das coisas, sua essência ou seu ser, é dissimulada em seu surgimento; a essência ou ser das coisas se oculta, se vela; o que Heidegger (1968, p. 275) ironiza como demandando um esforço de retirá-la deste encobrimento. Este contrassenso é corrigido por Heidegger, pois Heráclito não fala que a *physis* se encobre aos olhos humanos, que ela é de acesso difícil à percepção ou inteligência, mas de maneira desconcertante, ele fala que ela *phylei* (“favorece”, “presenteia”, na tradução de Heidegger) se velar, ela tende à ocultação, independente de qualquer olhar. É corrigido também pelo fato de no pensamento grego pré-socrático não se ter qualquer traço de uma “natureza” das coisas, compreendida como sua essência (*ousia, essentia*). Interpretamos por conseguinte, que a *physis* “favorece” um *esquecimento do ser*, embora o *sendo*, e o *estando* surjam precisamente na *physis*.

Zarader (1990, p. 42) chama a atenção, no entanto, que o fragmento 123 parece contradizer o fragmento 16, embora se entendidos como declarando uma sucessão não temporal, apresentem um aspecto essencial deste plano horizontal: a *physis* é um plano de emergências, de surgimentos, de re-velações, onde mesmo retirado o véu, este volta a encobrir. Neste encobrir há um abrigar, neste desencobrir há um recobrir; a *physis* é “re-velação”, onde o re-velado, volta a estar velado; assim, o sendo-estando, neste cruzamento com a *physis*, manifesta e mantém-se em reserva, preservado. Somente aquele ente privilegiado em sua intimidade com o *ser* é capaz de sendo-estando não ficar reduzido ao plano horizontal e acompanhar em todas as dimensões à re-velação que se dá no plano horizontal.

Podemos concluir até aqui, que a visão do *ser*, ou pelo menos seu vislumbre, pode ser alcançada neste cruzamento dos três planos, *sendo-estando-physis*; o encontro ortogonal (*orthotes*, reto, justo, dentro da justiça) destes três planos pode ser compreendida como uma similitude do *ser*.

O AÍ-SER (DASEIN)

Dando continuidade à tudo que foi dito, entra em cena o *Dasein*, que doravante chamaremos de *aí-ser*, conforme explicado logo adiante. É no lugar único dos três eixos formados pela interseção de *sendo-estando-physis*²¹, neste ponto central de uma cruz de três dimensões, formada por estes eixos ou linhas ortogonais, que propomos uma analogia ao *ser-aí* (*Dasein*). O ponto central, visto como centro das esferas, representa geometricamente o *si-mesmo*. Como afirma Heidegger (2014, p. 311) “O ser si mesmo é a essenciação do *ser-aí* e o ser si mesmo do homem realiza-se apenas a partir da insistência no *ser-aí*”.

Como explica Maxence Caron (2005, p. 774), de todos os entes, só homem é aberto ao *ser*, e é esta abertura muito mais que do ente que ela determina, que Heidegger denomina “*ser-aí*” (*Dasein*). Assim afirma Heidegger (1968, p. 214): “o *ser-aí* não é nada de humano”, e também (2006, p. 247): “o ser do *ser-aí* não deve ser deduzido de uma ideia de homem”. Ou como muito bem afirma Casanova (2009, p.89), o *ser-aí* não é o termo cunhado por Heidegger a partir da pergunta “o que é o homem?”. O *ser-aí* desdobra-se na confluência das dimensões “onde há ser”, no encontro dos planos verticais *sendo-estando* com o plano horizontal, exatamente no ponto central deste cruzamento. Razão pela qual se diz que *ser-aí* não é a melhor tradução de *Dasein*, mas uma aproximação melhor seria *aí-ser*. Neste *aí*, neste ponto central, há ser, intimidade, “ser sempre meu” (*Jemeinigkeit*), onde não se designa nem o sujeito, nem o homem, nem o indivíduo, nem a pessoa, mas esta estrutura ontológica do si-mesmo, pela qual é inerente ao si mesmo de se relacionar ao ser; este relacionar ao ser precedendo a aparição de todo ente, inclusive o si-mesmo a si (CARON, 2005, p. 774). O *aí-do-ser*, este não-lugar do *ser*, “situa-se” *sendo-estando* em qualquer ponto que assim se faça centro no plano horizontal, na *physis*, cortada pelos planos verticais.

Deste ponto, *abertura do ser*, doravante “centro irradiador de relações” (SCHUBACK, 2006, p. 564), *ser-aí*, deste si-mesmo, que se pro-põe, é possível pensar esferas traçadas a partir deste centro, sendo a mais abrangente delas, o *ser-em-o-mundo*.

²¹ “..., a presença [*Dasein*] não apenas é e está no mundo, mas também se relaciona com o mundo segundo um modo de ser predominante.” (HEIDEGGER, 2006, p. 169)

O *ser-em-o-mundo* é a estrutura fundamental do *aí-ser* (Heidegger, 1962, p.65), é a *clareira do ser*, a esfera translúcida que somos, em que somos, em que se é, em que entes são, sob o modo de *ser-a-mão* (*Zuhandensein*), *ser-subsistente* (*Vorhandensein*) e *co-ser-aí* (*Mitdasein*) (HEIDEGGER, 2006). Nas distintas relações que de *ser-em* e de *ser-com* entes intramundanos que vêm ao encontro, temos entes, “coisas mesmas”, sob os modos de *ser Zuhandenheit* e *Vorhandenheit*, surgindo como pontos em qualquer parte da esfera *ser-em-o-mundo*. Temos também, entes, “outros mesmos”, outros *ser-aí*, sob o modo *Mitdasein*, apresentando-se como outros, apenas sobre o plano horizontal, no cruzamento dos eixos no plano horizontal e na esfera *ser-em-o-mundo*.

O *aí-ser*, ponto centro dos planos *sendo-estando-physis*, “é sempre e cada vez *meu*” (*ibid.*, p. 85). Este “meu” implica em um ente especial, o *si-mesmo*. Em sua condição central, se relaciona com o seu *ser*, dispõe de um lugar privilegiado de total intimidade com o *ser*, no centro do cruzamento dos planos. Sua condição privilegiada, no entanto, chama à responsabilidade de assumir seu próprio *ser*. “Ser é o que neste ente está sempre em jogo” (*ibid.*, p. 86). Deste modo, a “essência” deste ente está em “ter de ser”. Sua essência se concebe a partir de sua existência, deste ponto central no cruzamento dos planos. Nunca um ponto no cruzamento dos planos, onde o *ser* está em jogo, poderá ser apreendido ontologicamente como caso ou exemplar de um gênero de entes simplesmente dados (*Vorhandenheit*); estes são pontos situados na esfera *ser-em-o-mundo*, não em seu centro. O *ser-aí* é sempre sua possibilidade como ponto central e assim *pode*, em seu *ser*, no cruzamento *sendo-estando-physis*, “‘escolher-se’, ganhar-se ou perder-se ou ainda nunca ganhar-se ou só ganhar-se ‘aparentemente’” (*ibid.*). É neste sentido, que o *ser-aí* em seu modo de ser, é uma possibilidade *própria* (autêntica), ou seja, chamada a apropriar-se de si mesmo, na condição de centro²² desta cruz de seis braços.

A esfera *ser-em-o-mundo*, embora possa ser abordada na conjunção das partes “*ser-em*” e “*o-mundo*”, é um todo unitário. Não são partes uma dentro da outra, conteúdo e continente, mas um todo único, que se esboça a partir do centro *ser-aí*. O *ser-aí* se dá em relação com pontos nesta esfera em diferentes modos de nexos (*ser-em* [*In-sein*], *ser-junto-a* [*sein bei*], *ser-com* [*Mitsein*]), como raios irradiando do ponto central em travessia pela esfera *ser-em-o-mundo* até o contato com a superfície da esfera, a manifestação plena. O ente ao qual pertence o *ser-em* é o ente que sempre eu

²² Para Inwood (2004, p.33): Heidegger não se concentra numa entidade com exclusão das outras; o *Dasein* traz consigo o mundo inteiro”.

mesmo sou [*bin*], junto... ao mundo, como algo familiar; assim *ser-em* significa “morar junto a”, “ser familiar com” (*ibid.*, p. 100); eis a *morada do ser*, o *êthos*.

A facticidade é o caráter da factualidade do *ser-aí*, ou seja, no cruzamento *sendo-estando-physis*. Ela abriga em si o *ser-em-o-mundo* de um ente “intramundano” ou “intra-esfera”, tornando este compreendido como algo que em seu “destino” está ligado aos demais entes que vêm ao encontro no mundo. “Com a facticidade, o *ser-em-o-mundo* do *ser-aí* já se dispersou ou até mesmo se fragmentou em determinadas modalidades de *ser-em*” (*ibid.*, p. 102), como por exemplo: ter comércio com algo, produzir algo, tratar de algo, empregar algo, abandonar algo e largá-lo, empreender, impor, investigar, interrogar, considerar, discutir, determinar etc. A todas estas modalidades de *ser-em* é comum um modo de ser, a *ocupação* (*Besorgen*), que vale também para as modalidades deficientes, como se abster, omitir, renunciar, etc. A *ocupação*, enquanto ser possível de um *ser-em-o-mundo*, denuncia ontologicamente o *ser-aí* como *cura* (*Sorge*; raiz de *Besorgen*).

A ontologia do *ser-aí* entendida como *cura*, diz *ser-já-antes-de-si-a-(o-mundo)-como-ser-junto-a* (o ente vindo ao encontro de maneira intramundana). Diz, portanto, que a esfera *ser-em-o-mundo* tem seu momento estrutural *o-mundo* configurado pela *cura* permanente em agenciamento na *ocupação* dos impermanentes entes-intramundanos que vêm ao encontro, em uma totalidade de remissões que assim perfazem um *meio* imediato e mediato ao *ser-aí*, o *mundo circundante* (*Umwelt*), que poderíamos denominar de *ser-aí-meio*, ou simplesmente *o meio*, *mi-lieu*, *entre-lugar* da totalidade de remissões. *Ser-aí-meio*, traço de união entre *ser-em* e *o-mundo*, sinalizando mais que uma união de partes, uma unicidade de ser, preenche a esfera num modo fundamental de ser da cotidianidade denominado *decadência* do *ser-aí*, que caracteriza, sem juízo de valor, o *ser-aí* junto a e no “mundo” das ocupações” (*ibid.*, p. 240). Prevalece na maior parte das vezes a escolha do *a-gente* (*Man*), do *impessoal*, e, portanto, da *inautenticidade* levando ao *decair* no ‘mundo’, conduzido pela “*falação, curiosidade e ambiguidade*” (*ibid.*).

Mas, o que é o mundo? Nenhum ente singular, mas o face-a-face de *ser-em*, na unicidade de *ser-em-o-mundo*, enquanto esfera de aparição de tudo o que é. Esfera de abertura onde somos, em que somos, em que se é, em que os entes são; *clareira do ser* permitindo a re-velação dos entes: de si-mesmo, de mim-mesmo, do outro-mesmo, da coisa-mesma. O privilégio do *si-mesmo* na intimidade do *ser-aí* não o deixa ser esquecido, não permite o *esquecimento do ser*, o *abandono do ser*, o domínio do

impessoal, dos formatos “legais” e de “bon ton”, pois mantém os planos *sendo-estando-physis* em memória. Memória entendida no sentido proposto por Heidegger (SCHNEIDER, 2005, p. 134): “Memória é a reunião do pensar sobre aquilo que em todas as partes deseja ser pensado já antecipadamente. Memória é a reunião do rememorar.”

CONCLUSÃO

Conforme explicitado logo na introdução deste trabalho, nossa pretensão era grandiosa, quiçá, exagerada. A tentativa de demonstrar aquilo que não pode ser demonstrado teve seu preço e algumas simplificações perigosas se tornaram necessárias. No entanto, para além dos frutos desta iniciativa primordial que se concretizou na aproximação do ser a partir de uma figura geométrica, acreditamos que outras questões se abriram ao nosso pensar meditativo, dentre elas, aquela que mais profundamente se enraíza em nosso modo de ser: a preferência pelo mim-mesmo. Essa perspectiva reforça a *decadência* do *ser-aí* em relações de tipo sujeito-objeto, promovendo a “*pobreza de mundo*” na visão do *ser*. Nenhum ponto dentro da esfera dispõe da condição do ponto central, centro de esferas, e neste sentido é *pobre de mundo* (HEIDEGGER, 2003, p. 308). Qualquer ponto que não seja o centro não é equidistante de todos os outros pontos da esfera, por conseguinte é parcial, é um pseudo centro, um falso si-mesmo, um mim-mesmo, um sujeito em relação a um objeto, outro ponto intra-esfera, outro ente intramundano.

Ao reduzir dois *entes intramundanos*, na esfera *ser-em-o-mundo*, a uma única relação, dentre a totalidade de relações, algo está sendo esquecido e abandonado. Privilegia-se o que importa a um mim-mesmo: o *ser-aí*, na *decadência* do *impessoal*, na *inautenticidade*, identifica-se como sujeito-agente, e identifica o outro ente, uma “coisa mesmo”, ou até um “outro mesmo”, como objeto deste sujeito. Neste privilégio reside uma escolha, e no mais das vezes um *esquecimento do ser*. Não há mais um *ser-aí*, não há mais esfera *ser-em-o-mundo*, há tão somente sujeito e objeto, na “*pobreza de mundo*” provocada pela relação dada na identificação a mim-mesmo e a *ente intramundano*, o objeto que a *cura* dirige minha *ocupação*. Esta relação não está mais “centrada”, não origina do ponto central dos planos *sendo-estando-physis*; ela é um “traço”, uma linha efêmera e passageira entre *entes intramundanos*, mim-mesmo e coisa-mesma ou outro-mesmo, na esfera *ser-em-o-mundo*.

BIBLIOGRAFIA

- ARISTÓTELES, *Metafísica*. Madrid: Gredos, 1994.
- BORELLA, Jean, *Le mystère du signe*. Paris: Maisonneuve Larose, 1989.
- BRISSON, Luc, *Timée/Critias*. Paris: GF-Flammarion, 1992.
- HEIDEGGER, Martin, *Questions I-II*. Paris: Gallimard, 1968.
- HEIDEGGER, Martin, *O que é uma coisa?*. Trad. Carlos Morujão. Lisboa: Edições 70, 1992.
- HEIDEGGER, Martin, *Heráclito*. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.
- HEIDEGGER, M. *Ensaio e conferências*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Márcia de Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2002a.
- HEIDEGGER, Martin, *Caminhos de Floresta*. Coord. Irene Borges-Duarte. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002b.
- HEIDEGGER, Martin, *Os Conceitos Fundamentais da Metafísica*. Trad. Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Forense, 2003.
- HEIDEGGER, Martin, *Ser e Tempo*. Trad. Marcia Schuback. Petrópolis: Vozes, 2006.
- HEIDEGGER, Martin, *Metafísica de Aristóteles Theta 1-3*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- HEIDEGGER, Martin, *Logic as the question concerning the essence of language*. New York: SUNY, 2009.
- HEIDEGGER, Martin, *Logic. The Question of Truth*. Bloomington: Indiana University Press, 2010.
- HEIDEGGER, Martin. *La historia del ser*. Trad. Dina V. Picotti C.. Buenos Aires: El Hilo de Ariadna, 2011.
- HEIDEGGER, Martin, *Contribuições à Filosofia*. Trad. Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Via Verita, 2014.
- JOUBAUD, Catherine, *Le corps humain dans la philosophie platonicienne. Étude à partir du Timée*. Paris: Vrin, 1991.
- LAWLOR, Robert, *Sacred Geometry*. London: Thames and Hudson, 1982.
- MACQUARRIE, John & ROBINSON, Edward, *Being and Time*. Oxford: Blackwell, 1987.
- MCNEILL, William, *The Glance of the Eye. Heidegger, Aristotle, and the Ends of Theory*. New York: SUNY, 1999.
- PAVÃO, Bruna Gois & VIEIRA, Marcia dos Santos Machado. *Predicações com os verbos relacionais ser e estar*. Revista Diadorim. Volume 14, Dezembro 2013. [<http://www.revistadiadorim.letras.ufrj.br>]
- SCHNEIDER, Paulo Rudi. *O outro pensar. Sobre “Que significa pensar? E “A época da imagem do mundo” de Heidegger*. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.
- SCHUBACK, Marcia. “A perplexidade da presença” e notas à tradução, in Martin Heidegger, *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes, 2006.

ZARADER, Marlène, Heidegger et les paroles de l'origine. Paris: Vrin, 1990.

WIEGER, Léon, Les pères du système taoïste. Paris: Les Belles Lettres, 1950.